

Segurança em xeque

» MARA PULJIZ
» KELLY ALMEIDA

A tentativa de sequestro de dois bebês no Hospital Regional de Brazlândia expôs a fragilidade do sistema de segurança de algumas unidades de saúde pública do Distrito Federal. Na tarde de quinta-feira, Luciete Moura dos Santos, 28 anos, conseguiu entrar no hospital usando o crachá de agente comunitária. Ela colocou dois recém-nascidos em uma bolsa e saiu. Acabou presa. Após o episódio, a direção do hospital anunciou o reforço no esquema de segurança (leia mais na página 28). Mas a facilidade que Luciete encontrou para ter acesso à maternidade é a mesma verificada, por exemplo, no Hospital Regional de Sobradinho (HRS), onde a reportagem do *Correio* ficou ontem por três horas e meia sem ser abordada por nenhum funcionário.

Foi possível entrar e sair duas vezes da unidade pela portaria dos fundos, que dá acesso a setores como a pediatria, as enfermarias e a maternidade. O posto de segurança próximo ao setor de raios X tinha um vigilante, mas o trânsito de pessoas para qualquer ala do hospital estava livre até as 14h. Nesse horário, o portão foi fechado para as visitas aos recém-nascidos. Alguns parentes e amigos eram obrigados a se identificar antes de entrar e, para cada paciente, apenas duas pessoas munidas de crachá estavam autorizadas a entrar.

Essa exigência não foi suficiente para o acesso de desconhecidos. Na porta da maternidade, há outro posto de vigilância, mas nenhum funcionário solicitava a apresentação do crachá, conferia a identidade ou questionava quem a pessoa visitaria, bem como se essa entrada estava autorizada pelo paciente. Carolina Martins, 19 anos, estava no quarto 303 e levou um susto ao ser abordada. "A segurança tem que melhorar. Eu achei um absurdo o que aconteceu lá (em

Fotos: Mara Puljiz/CB/D.A Press



Lorena da Costa, com seus recém-nascidos: "O caso (de Brazlândia) assustou as mães"

“

Eu subi a rampa de mãos vazias e não fui barrada. Entrei, segurei minha afilhada (recém-nascida) e até brinquei que ia colocá-la debaixo da blusa e sair. Aqui não tem uma segurança rigorosa”

**Jéssica Dantas
20 anos, dona de casa**

Brazlândia) e agora eu tenho medo, de verdade. Se fosse outra pessoa que não tivesse se identificado para mim e ficasse olhando meu filho eu não ia gostar porque não a conheço e não sei as intenções dela", disse Carolina, que se deixou ser fotografada e filmada amamentando seu bebê.

Lorena José da Costa, 19 anos, saiu da maternidade por volta das 14h30 para fazer exames nos gêmeos recém-nascidos. Ela disse não ter percebido a entrada de pessoas estranhas próximo ao berçário, mas também não tirou o olho das crianças durante um segundo. "Se tinha segurança lá (Hospital de Brazlândia) e aconteceu isso, aqui também pode acontecer. O caso assustou a todas as mães internadas", garantiu.

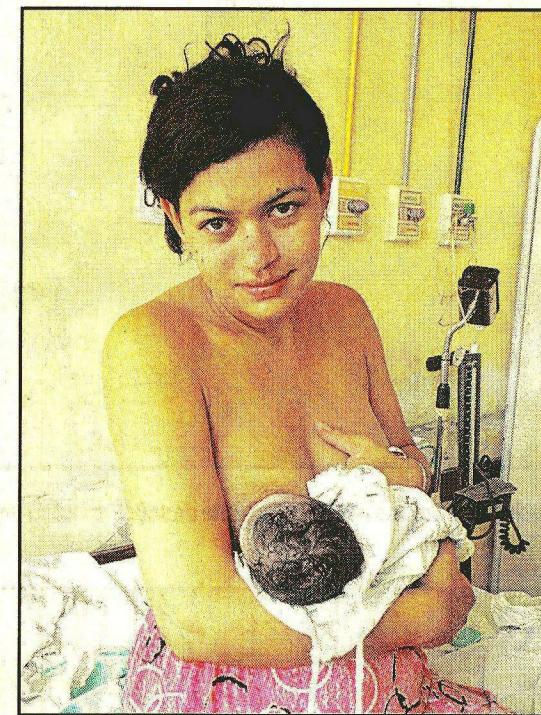
A dona de casa Jéssica Evelim Aragão Dantas, 20 anos, também conseguiu entrar sem apresentar identidade. "Eu subi a rampa de mãos vazias e não fui barrada. Entrei, segurei minha afilhada (recém-nascida) e até brinquei que ia colocá-la debaixo da blusa e sair. Aqui não tem uma segurança

rigorosa", disse. A amiga dela, Mayara Alcântara, da mesma idade, passou sem problemas. "Eu me identifiquei, mas nem quissem pegar meus documentos para conferir. O sistema também ficou fora do ar e qualquer pessoa podia subir e voltar", contou.

O limite para entrar era de duas pessoas por quarto, mas a regra não estava sendo cumprida. "Meu sobrinho entrou para visitar a irmã dizendo que ia pegar um resultado de biopsia. Eles (vigilantes) não foram atrás para saber para onde ele estava indo. Tem hora que ficam de costas e é muito fácil passar", garantiu a dona de casa Gelsa Alves Assunção, 44 anos.

Gama e Hmib

No Hospital Regional do Gama (HRG), em 19 de junho de 2008, uma criança chegou a ser levada logo após o nascimento. A sequestradora acabou presa. A estudante de enfermagem Gabriela (nome fictício) estagiou este ano na maternidade do HRG e contou ao



Carolina Martins: "Agora eu tenho medo, de verdade"

Sistema será aperfeiçoado

Mil postos de vigilância, com dois funcionários de empresa terceirizada em cada um, fazem a segurança dos hospitais públicos do DF. Nem todos contam com câmeras de filmagem, mas o GDF promete reforçar até janeiro de 2013 o monitoramento da entrada e saída de pessoas nas unidades de saúde. A intenção também é fornecer pulseiras magnetizadas tanto para mães quanto para os recém-nascidos. "Se aquelas pessoas cruzarem determinados pontos não permitidos, um equipamento emitirá um alarme", explicou o secretário adjunto de Saúde, Fernando Miziara.

Cerca de R\$ 10 milhões devem ser investidos na modernização de todo o sistema, com instalação, inclusive, de ponto eletrônico. A ideia é controlar não apenas a entrada e saída dos visitantes, mas também dos servidores. "A identificação obrigatória não será feita apenas com crachá, mas também por meio da impressão digital", garantiu Miziara. O ponto eletrônico deve começar a funcionar no próximo dia 1º no Hospital de Base do DF (HBDF) e gradativamente será adotada pelas demais unidades.

Sobre a recente tentativa de sequestro, Miziara admitiu a falha no sistema. "Existe e não há como negar. Ela (Luciete) se utilizou de um conjunto de facilidades por ser servidora e ter trânsito livre no hospital. Não temos como controlar a criminalidade porque bandido espera o momento oportuno para agir, mas são pouquíssimos casos que acontecem no DF", disse. Em relação à entrada da reportagem na maternidade do Hospital de Sobradinho, Miziara disse que a empresa responsável já foi contatada sobre a falha e será multada. (MP)

www.correiobrazilense.com.br



Veja no site vídeo da entrevista com a dona de casa Jéssica Evelim Aragão Dantas. Ela conta como entrou no Hospital de Sobradinho

» Leia mais na página 28